

## TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS: professores de Imbuia/SC

*Gabriela Allein<sup>1</sup>; Jéssica Franz<sup>2</sup>; Dayane Farias<sup>3</sup>; Solange Aparecida Zotti<sup>4</sup>*

### INTRODUÇÃO

Os professores, por muitos anos foram vistos como exemplo na sociedade, mas nos dias de hoje reivindicam um reconhecimento que deveria ser natural. Até porque,

em qualquer momento do ano, em qualquer horário do dia, em qualquer situação social, o professor é sempre professor. Sempre que se encontra um professor na rua se espera uma atitude de professor. Há uma expectativa em torno do professor para tudo. O professor é uma referência não somente dentro da sala de aula (HAMMES, 2010, p. 13).

No entanto, a missão do professor, atualmente, continua dobrada: além do esforço cotidiano de fazer educação de qualidade, precisam lutar para que as condições das escolas e da profissão não sejam cada vez mais desestruturadas (HAMMES, 2010), ou seja, neste momento os educadores enfrentam um intenso processo de desvalorização, não ocupando posição de autoridade, muitas vezes, nem mesmo em sala de aula.

Nesse sentido, o presente trabalho objetivou pesquisar a trajetória dos professores do município de Imbuia/SC, desde 1953, quando as unidades escolares ainda estavam sendo construídas até a atualidade, destacando: o processo de formação; motivos da escola da profissão; prática pedagógica; valorização do profissional; relação escola-família, entre outros.

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho foi realizado através de pesquisa bibliográfica, documental e de campo. A pesquisa documental foi desenvolvida junto à escola de E.E.B. Frei

---

<sup>1</sup>Aluna da 2ª fase do Curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal Catarinense - Campus Rio do Sul. E-mail: gabrielaallein@hotmail.com

<sup>2</sup>Aluna da 2ª fase do Curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal Catarinense - Campus Rio do Sul. E-mail: jeh\_jehssyk@hotmail.com

<sup>3</sup>Aluna da 2ª fase do Curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal Catarinense - Campus Rio do Sul

<sup>4</sup>Doutora em Educação, Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal Catarinense - Câmpus Rio do Sul. E-mail: solange.zotti@ifc-riodosul.edu.br

Manoel Philippi, na Prefeitura e na biblioteca Municipal de Imbuia/SC, bem como em acervos de documentos particulares de educadores.

Na sequência foram feitas entrevistas com dez professoras que atuaram na educação em diferentes décadas do período estudado e que ainda se encontram no município, sendo elas: Laudelina de Souza Capistrano - década de 50; Mirian Hammes Kammers - década de 60; Miriam Terezinha Alves, Maria Madalena Ghizoni, Neuza Terezinha Koerich e Joana Sebold – década de 70; Áurea Lúcia Sezerino – década de 80; Maria Regina Steinbach dos Santos e Águida Capristano Böll – década de 90; Carla Fernanda da Cunha – década de 2000. As professoras entrevistadas assinaram o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e autorizaram o uso dos nomes e de seus depoimentos na pesquisa.

Por fim, os dados foram organizados e analisados, destacando-se como era a vida profissional e o ensino em cada década. Os resultados foram discutidos através da elaboração de texto descritivo-explicativo. Neste resumo apresentamos parte dos dados pesquisados e que foram recorrentes nas diversas entrevistas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Na década de 50 a pequena localidade de Chapadão do Rio dos Bugres, em Ituporanga, que em 1962 passa a ser oficialmente o município de Imbuia, vivia uma constante agitação na educação, assim como, pelas movimentações políticas para a construção do novo município. A preocupação dos pais em relação à inserção de seus filhos nas escolas teve início quando Imbuia ainda era apenas uma localidade e, por ser longe do centro do município ao qual pertencia na época, as crianças, na sua grande maioria, não frequentavam as unidades escolares. Assim, os pais incomodados com a situação começaram a lutar pela construção de escolas mais próximas a eles. Nesse sentido, Braun (2008, p. 137) relata que, “os pais estavam inteiramente atrelados aos projetos de implantação das escolas, desde doação de terrenos, mão de obra voluntária na construção e doação de materiais”.

A Lei nº 930, de 23 de julho de 1962, cria o município de Imbuia que foi instalado em 10 de setembro de 1962. Dessa forma, nos anos seguintes, muitas coisas foram sendo modificadas, bem como novas escolas começaram a surgir.

Durante o período de 1953 a 2013 o município de Imbuia teve diversos professores, cada um com o seu jeito particular de ministrar as aulas. Quanto à

trajetória escolar dos mesmos, na infância, se percebe que uma das principais dificuldades era à distância até a instituição de ensino. Chegavam a caminhar 4 km ou até mais, todos os dias para ir e depois faziam este mesmo trajeto para voltar.

Contudo, o que se verifica é que, apesar das dificuldades, todas as professoras, de acordo com as exigências de cada época e da legislação de ensino, buscaram a formação necessária ou possível para atuar na educação. Das professoras entrevistadas, o que se constata sobre a trajetória de formação: a professora da década de 1950 cursou até o ensino médio; a professora da década de 1960 cursou ensino médio e ensino técnico; das professoras da década de 1970 duas possuem curso superior e pós-graduação e uma apenas o ensino superior; as professoras das décadas de 1980 e 1990 possuem curso superior e pós-graduação.

Todas as professoras ingressaram no ensino superior quando já estavam com suas famílias formadas, bem como com mais responsabilidades, o que as fortaleceu ainda mais para vencer e valorizar todas as etapas vividas no processo de formação.

A escolha por uma profissão é sempre algo muito difícil para qualquer pessoa, até mesmo por ser a responsável por determinar a condução de sua vida pessoal e profissional, ou seja, uma escolha de vida e para a vida. Com as professoras imbuenses não foi diferente. Os motivos que as fizeram optar e permanecer na profissão são os mais diversificados e imprevisíveis.

A professora Mirian Hammes Kammers, atuante na década de 60, por exemplo, revelou que decidiu ser professora inicialmente por incentivo da mãe que também era. No princípio Mirian revela que não foi muito fácil: *“No início eu tive bastante dificuldade, os alunos na sua grande maioria só falavam alemão, ninguém falava o português, ai tudo era preciso traduzir para o português, [...], mas por outro lado, os alunos contribuía muito, era só fazer “psiu” que todos ficavam quietos e prestavam atenção, era muito difícil precisar erguer a voz.”*

Os pais, por sua vez, colaboravam constantemente com a escola e a professora. Por exemplo, no dia dos professores e nos encerramentos, cada um trazia um alimento de casa e faziam uma festa, sempre agradecendo aos professores pelo trabalho prestado, além de os presentear. Mirian ainda afirma que: *“se o pai matasse um porco, um pedaço era levado para a professora; se o pai tirasse mel, um potinho era da professora, ganhávamos de tudo mesmo, rosca de polvilho, docinhos e muitas vezes nem dávamos conta de comer tudo que era nos*

*dado, sempre valorizando muito o professor, além disso, nesse dia também costumávamos expor os trabalhos feitos ao longo do período”.*

Todas as professoras comentaram que sempre contaram com livros para auxiliar nas aulas. Contudo, nem todas que gostavam de ensinar através deste método, algumas preferiam aulas mais atrativas. A professora Joana Sebold (atuante na década de 70), lamenta ter alfabetizado seus alunos através de um único texto, seguindo o livro “Barquinho Amarelo” já que era uma ordem. Além disso, também afirma que não gostava de avaliar o aluno através dos conceitos da época, que eram: “Ótimo, Muito Bom, Bom, Satisfatório”.

Outro aspecto deplorável, em relação a este assunto, é a decadência da inspeção e orientação. Na década de 70, Joana destaca que *“havia muita cobrança em cima do professor. Quando vinham fazer inspeção escolar, que por sua vez era feita por pessoas de municípios vizinhos, cobravam do aluno para avaliar o professor. Houve uma época que era aplicada uma prova escrita aos alunos para ver se o professor estava seguindo o plano de curso ao pé da letra”*. Já, a professora Carla Fernanda (docente nos anos 2000), quando questionada sobre orientação, nos demonstra a realidade de outra forma: *“Supervisão, muito pouco; orientação zero, inspeção... isto existe em escola pública? Desculpa, mas nunca vi”*.

Frente as dificuldades e conquistas vivenciadas pelas professoras ao longo de suas trajetórias de vida, tanto profissional quanto pessoal, foram questionadas se continuariam na profissão diante das demais ocupações que o mundo atual proporciona. Infelizmente, as únicas professoras que afirmaram ter o desejo de continuar na carreira foram aquelas que se afastaram das instituições de ensino quando nas mesmas ainda estava presente o respeito dos alunos e a valorização.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir de 1970 as professoras do município de Imbuia já começam a cursar o ensino superior, muito raro na época. A partir dos anos 90 as novas tecnologias passam a fazer parte do cotidiano escolar, com aspectos tanto positivos quanto negativos, pois muitas vezes atrapalham o aluno tirando-lhe a concentração. Contudo, é inegável que os métodos de ensino mudaram. Atualmente, o educador tem mais liberdade para planejar suas aulas, de maneira a motivar os alunos à

aprendizagem, o que é considerado uma necessidade e um desafio para o profissional.

De acordo com as professoras, estão evidenciadas as dificuldades de promover um ensino de qualidade, pois a valorização do estudo, juntamente com a valorização do professor, tem decaído ao longo dos tempos. O respeito deixou de ser uma regra básica de convivência, tornando a escola, muitas vezes, um espaço de conflitos. Nesse sentido, a professora Carla Fernanda, atuante na década de 2000, desabafou: *“Atualmente não importa mais se estão aprendendo, é necessário que se formem e sejam uma classe trabalhadora formada para “servir” e não “criar”. Eu acredito que contribuimos para uma sociedade que não sabe o que é ética e aceita essas situações de “esmola” em todos os sentidos.”*

É notável que os mestres imbuenses se encontrem em um “labirinto”, procurando ansiosamente por uma saída para solucionar os empecilhos apresentados nas entrevistas, e que se tornam ainda mais desesperadores quando comparado com as experiências das professoras que atuaram nas décadas iniciais, pois estas destacaram a valorização do seu trabalho pelos alunos e famílias. Nesse sentido, ficou evidenciado que a maior queixa das professoras diz respeito à falta de respeito dos alunos, a desmotivação e empenho nos estudos, bem como a valorização da profissão no contexto escolar e social. Portanto, acredita-se que isto precisa de um desfecho imediato e, principalmente que as autoridades “percebam” a educação, valorizando e reconhecendo ao máximo os profissionais desta área, a fim de que possam cumprir suas funções educativas com dignidade.

## REFERÊNCIAS

ADAMI, L. S.; ROSA, T. **Alto Rio dos Bugres**: as origens do município de Imbuia. Blumenau: Odorizzi, 2004.

BRAUN, L. P. **Imbuia**: aspectos históricos, culturais e políticos do passado e do presente. Imbuia, 2008.

HAMMES, E. J. A escola conectada com a vida do aluno. **Mundo Jovem**: um jornal de ideias. Porto Alegre, v. 48, n. 411, p. 12-13, out. / 2010

HAMMES, E. J. Daquilo que nos motiva. **Mundo Jovem**: um jornal de ideias. Porto Alegre, v. 48, n. 407, p.19, jun. / 2010

NÓVOA, A. **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1995.